

A CIVILIZAÇÃO INDÍGENA



**Irmandade dos Anônimos
Luiz Guilherme Marques
(médium)**

“Os indígenas são mais civilizados que os europeus.”
(Montaigne)

“A civilização indígena conta cerca de quinze mil anos.”
(Kaka Werá Jecupé)

“A escrita e a Tecnologia não retratam o nível de evolução de um povo, porque a Ciência verdadeira decorre do conhecimento da Natureza, o que muitos povos que não utilizam a escrita e detêm pouca Tecnologia valorizam e, por isso, são mais evoluídos.”

(anônimos)

“Somos todos um.”
(postulado da Lei Divina)

ÍNDICE

Esclarecimento sobre o desenho da capa

Introdução

1 - O livro “*A Caminho da Luz*”, de Emmanuel

2 – Órion: origem da raça vermelha

3 – A Medicina indígena

4 - “*Somos todos um*”

5 – Os que serão degredados para Quírom e outros mundos inferiores

6 – O futuro e gradativo conagraçamento das quatro raças

7 – Terra: mundo de regeneração

8 – O livro “*A Vida Secreta da Natureza*”, de Carlos Cardoso Aveline

ESCLARECIMENTO SOBRE O DESENHO DA CAPA

O desenho da capa procura retratar, dentro da singeleza da Arte pictórica indígena do Brasil, uma pantera negra e seu filhote, representando a força da Natureza e a feminilidade, que é o símbolo do Amor, tanto quanto da pujança das forças vivas do mundo mineral, vegetal e animal.

Infelizmente, na antiguidade europeia, por volta do quarto século a. C., a Grécia inaugurou o materialismo, desconsiderando as lições de Sócrates, o qual baseava toda sua vivência nos ensinamentos silenciosos da Natureza, o que, depois, aprofundou-se na civilização romana, esta última que, por indução das Trevas, procurou eliminar todos os focos de espiritualidade, a qual somente existe em contato com a Natureza.

Os invasores brancos, autodenominando-se colonizadores, quase dizimaram a cultura indígena no continente americano, tanto quanto praticamente mataram os conhecimentos iniciáticos do Egito antigo, o qual retratava as grandes lições provenientes de Mu, o continente que afundou no Oceano Pacífico.

A cultura indígena continua, porém, apesar do trabalho devastador das Trevas, de tal forma que muitos Espíritos indígenas têm reencarnado no mundo dos brancos, dando testemunho do valor daqueles conhecimentos voltados para a Mãe Natureza.

A onça é um dos símbolos vivos da Mãe Natureza nas terras brasileiras e, por isso, está sendo lembrada neste livro.

INTRODUÇÃO

Quando Montaigne, no século XVI, afirmou que os indígenas eram mais civilizados que os europeus, muitos se escandalizaram, mas ele estava dizendo a mais pura verdade, pois a França vivia a guerra civil de incompreensão entre católicos e protestantes, da qual sobrou um saldo de milhares de mortes.

Tinha razão o filósofo, pois a aparente cultura cristã nada tinha melhorado praticamente na índole daqueles homens e mulheres que não seguiam as lições da Natureza, segundo a qual somente se destrói nos casos de absoluta necessidade, na medida delas, e não pela simples competição sem utilidade.

A cultura indígena na América mostrou ao mundo, mas, sobretudo, a quem tem olhos de ver e ouvidos de ouvir, grandes ensinamentos, por exemplo, nas culturas dos incas, astecas, maias, toltecas, hopis, navajos, tupis etc. etc.

Kaka Werá Jecupé é um dos representantes indígenas brasileiros mais versados na cultura tupi e tem escrito e viajado pelo mundo, mostrando o que essa cultura tem a contribuir para a construção de um mundo melhor.

Infelizmente, a arrogância dos encarnados que nunca encarnaram num corpo indígena é muito grande e os faz crer que, pelo simples fato de serem brancos, os coloca num pedestal, acima dos amarelos, negros e vermelhos.

Não percebem que as cores das quatro raças são exatamente as cores básicas da Natureza, sendo que os vermelhos estão colocados no seu lado oposto, enquanto que os amarelos estão à sua esquerda e os negros à sua direita.

Cada uma dessas cores representa um dos quatro pontos cardeais.

Isso é uma realidade, que não pode ser ignorada sem graves consequências para a própria vida diária das criaturas da fase humana.

Os vermelhos, como dito, estão colocados em posição oposta aos brancos: o que isso significa?

O elemento branco, quando olha para a frente, vê o elemento vermelho e vice-versa.

O elemento amarelo, quando olha para a frente, vê o elemento negro.

Na verdade, brancos e vermelhos costumam não se aceitar reciprocamente, como se fossem inimigos.

O mesmo acontece entre negros e amarelos.

Parece uma fatalidade, mas os opostos se completam, neste caso, sendo indispensável para a evolução de cada um essa aceitação, a interação.

Conflitam-se, disputam, guerreiam, mas um tem de aprender a reconhecer o valor do outro, sem o que falha nas suas reencarnações.

Na verdade, o elemento indígena também traz sua fatia de orgulho, desprezando os brancos, que ele julga materializado e, na verdade, tem razão, mas cabe-lhe ensinar a espiritualidade, tanto quanto deve aprender sua Ciência voltada para as invenções de ferramentas e utensílios, que o elemento branco chama de Tecnologia.

Um não consegue ir muito longe sem o outro.

O objetivo deste livro é valorizar o elemento vermelho, mas falar-lhe que os brancos são seus irmãos gêmeos, opostos por índole, mas necessários à complementação da sua cultura espiritualizada.

Nas Casas da Vida atuais, continuadoras daquelas do Egito antigo, pratica-se a cura reunindo-se os conhecimentos das quatro raças: vermelha, branca, amarela e negra, numa irmandade de anônimos que se aperfeiçoaram no curso dos milênios, cada um na sua área específica, reunindo os conhecimentos das florestas, savanas, montanhas, laboratórios e universidades, mas todos cientes de que a Ciência Cósmica está acima de quaisquer divisionismos terráqueos.

A Ciência Cósmica é a Lei de Deus, que está escrita no íntimo de todas as criaturas, do mineral ao arcanjo.

Que Deus abençoe a humanidade e todos os seres do Universo é o que pedimos neste momento.

1 - O LIVRO “A CAMINHO DA LUZ”, DE EMMANUEL

Emmanuel ditou, através da mediunidade de Chico Xavier, o livro “A Caminho da Luz” na década de 1930, visando esclarecer sobre a posição de Jesus como Governador da Terra.

Preocupou-se muito pouco em detalhar a história do planeta e sua humanidade, pois também enfrentava outra dificuldade, que era a suspeita de muitos espíritas sobre a mediunidade de Chico Xavier, que por muitos foi taxado de obsidiado na época e mesmo depois, quando surgiram os livros de André Luiz.

Na verdade, o referido livro poderia ser mais explícito sobre uma série de itens, mas, por algum motivo sério, não o foi, sendo que um deles seria a origem da raça vermelha.

Emmanuel diz, em certo ponto da sua valiosíssima obra, que quando os capelinos (brancos) chegaram à Terra, como degredados, já existiam aqui as raças amarela e negra.

Sem ficar polemizando, pois esse não é nosso objetivo, mas sim o conagraçamento, vamos dizer que essa omissão estratégica merece ser suprida neste momento, a fim de que, no final do período de provas e expiações e começo da era da regeneração, as pessoas venham a saber mais do que sabiam antes.

A revelação da Verdade, como se sabe, é gradativa e agora é o momento de a humanidade conhecer certas coisas que antes ficavam restritas a um grupo de iniciados ou que pouco eram ressaltadas até por conta do desinteresse da maioria em saber de certos pontos importantes, fixadas que muitas pessoas ficavam ao religiosismo tradicional, resumível no culto exterior um pouco melhorado, mas sem a auto reforma íntima profunda e a procura da Lei de Deus dentro do próprio íntimo, no auto conhecimento profundo.

A raça vermelha já tinha trazido à Terra essas noções há muitos milênios, mas, pelo fato de aqui, na época, a maioria

ser muito primitiva, essas verdades acabaram sendo perseguidas sobretudo pelos capelinos aqui reencarnados, que formam o comando das Trevas.

Esses Espíritos deverão ser, em grande parte, degredados para Quírom e outros mundos inferiores, onde terão oportunidade de aprender a respeitar a Lei Divina, auto reformando-se moralmente.

Pode parecer aos prezados leitores que estamos estigmatizando a raça branca, mas, quando nos referimos às raças não estamos identificando a cor da pele dos encarnados, que muda conforme o planejamento reencarnatório de cada Espírito.

Assim é que há brancos negros, vermelhos, amarelos ou brancos mesmo.

Nem também pretendemos subestimar a colaboração de cada criatura humana ou sub humana, uma vez que “*somos todos um*”, ou seja, todas as criaturas têm o mesmo valor perante Deus, que é o Pai e não discrimina nem Seus filhos que labutam provisoriamente no Mal.

Entretanto, como nos compete falar a verdade, temos de identificar, neste livro, a contribuição da raça vermelha, que tem tudo a ver com a espiritualidade ligada à Natureza.

Cada uma dá sua cota de contribuição e todas são úteis, mas a Natureza vem sendo muito desprezada, sobretudo no Ocidente, e isso tem contribuído para grandes infelicidades na Terra, não somente a nível de ecologia como também para o surgimento de doenças e distúrbios psíquicos.

O desrespeito à Natureza tem sido praticado pelos Espíritos dos brancos, estejam eles reencarnados na pele branca ou não: isso tem de ficar muito claro para os prezados leitores.

Com a devastação da floresta amazônica e outras agressões ao meio ambiente os prejuízos para o planeta e os seres que o habitam são inimagináveis e, por isso, grandes desgraças vêm acontecendo, como forma de alerta para que mude a mentalidade humana sobre o valor dos seres sub

humanos, que também fazem parte da Natureza e têm direito à vida e à evolução.

Muitos homens e mulheres consideram que somente eles têm direito à vida e não enxergam os sub humanos, que são os animais, vegetais e minerais.

Essas criaturas são egoístas e orgulhosas e contraem um débito vultoso diante de Deus, porque a Natureza não é uma massa informe, da qual possam dispor como bem entendem, mas sim um conjunto formado por nonilhões de seres que presentemente encontram-se evoluindo em diferentes graus de aperfeiçoamento.

Nada que está no Universo é matéria, que não existe, mas sim Espírito em evolução rumo à perfeição.

Os brancos é que instituíram o materialismo na Terra, porque, no seu geral, não conseguem ainda enxergar a espiritualidade no seu sentido mais profundo, que significa a vida universal.

São aqueles religiosos pela metade, que sempre ficam no meio do caminho e procuram enterrar o progresso das coletividades universais.

Pelos planetas onde passam desenvolvem aquilo que sabem muito bem, que é a Tecnologia, a Ciência voltada para o materialismo, mas dificultam a vivência dos ideais da Natureza, ou seja, dos seres sub humanos e daqueles que os valorizam.

Quem é branco espiritualmente falando desperte para a Lei Divina!

2 – ÓRION: ORIGEM DA RAÇA VERMELHA

É preciso ampliarmos nossa compreensão quanto ao intercâmbio entre os vários mundos.

Há muita gente que julga que o único planeta digno de ser habitado é a Terra, que, por sinal, nada tem de especial no contexto universal.

A Ciência materialista do planeta ainda não concluiu, até hoje, pela existência de vida em nenhum dos outros globos que circulam no Universo, o que representa uma tremenda arrogância, pois não faria sentido um Universo infinito para ter apenas um mundo habitado: trata-se de um contra senso muito grande, mas que reflete a má fé dos cientistas que não têm a coragem de deduzir pela existência de vida em todos os recantos do Cosmo.

Em todos os planetas há seres provenientes de muitos outros mundos, tanto quanto numa cidade há pessoas nascidas em outras urbes: a comparação é válida e correta.

Essa permuta enriquece os mundos, tanto quanto as cidades, porque cada grupo de alienígenas traz as experiências dos locais de onde vieram, assim contribuindo para o progresso intelectual ou moral.

Os Espíritos provenientes de Órion vieram trazer para a Terra seus conhecimentos sobre espiritualidade voltada para a Natureza.

São Espíritos que formaram a raça vermelha, a qual não significa que eles deverão sempre reencarnar como indígenas, mas sim misturar-se com as outras três raças, a fim de infiltrarem suas ideias entre todos os povos.

Infelizmente, no presente momento da humanidade da Terra há muita gente que não dá o mínimo valor à Natureza e constroem-se cidades derrubando matas, poluindo rios, matando espécies animais e vegetais, dinamitando montanhas para a abertura de rodovias etc. etc.

Isso tudo não aconteceria se fossem seguidas as sugestões dos egressos de Órion, que valorizam mais uma árvore, que é um ser vivo, do que um portentoso edifício ou uma rodovia.

O respeito aos seres vivos tem de estar acima das modificações impostas à Natureza e que depredam a vida.

No Oriente a vida é mais valorizada, por exemplo entre os indianos, que não matam os animais, que respeitam o Ganges como um grande benfeitor e coisas assim.

A civilização europeia, que se transplantou para a América, dizimou a cultura indígena e fez do Novo Mundo uma cópia piorada da cultura materialista da Europa, de tal forma que, hoje em dia, a América não é nem Europa nem a América pré-colombiana.

Incas, maias, astecas, toltecas, tupis etc. etc. não mais existem como povos respeitáveis e respeitados, mas sobrevivem de favor dos governos, que lhes permitem algumas migalhas de dignidade, ignorando-lhes os muitos milhares de cultura e a grande contribuição que podem dar à própria Ciência médica e à espiritualidade.

Neste livro pretendemos mostrar que, se há, no meio indígena, Espíritos primitivos, há outros de grande evolução intelecto-moral, que muito podem ensinar às outras três raças, melhorando a qualidade de vida da humanidade.

Essa valorização acontecerá, certamente, quando a Terra passar à categoria de mundo de regeneração, pois o materialismo deixará de ter espaço no coração e na mente das criaturas humanas da Terra, enquanto que os animais, vegetais e minerais serão valorizados e respeitados como criaturas de Deus em evolução rumo à perfeição.

Órion é importante na vida da Terra, desde tempos imemoriais, dos períodos de Mu e Atlântida, podem ter certeza disso.

Valorizem a cultura indígena e não vejam nela o canibalismo, o primarismo moral e a falta de noção dos valores mais importantes da existência!

3 – A MEDICINA INDÍGENA

Quase todas as informações que vemos sobre a Medicina Indígena são desvirtuadas, pois a principal de todas é a seguinte: os indígenas vivem em contato permanente com a Natureza.

Esse fato, aparentemente insignificante, é o grande divisor de águas entre o estilo de vida dos chamados “civilizados” e eles.

Com uma hereditariedade privilegiada, de milênios seguidos, de contato com a Natureza, eles não têm tendência para nenhuma mazela física e, portanto, raramente adoecem, o que não acontece com os “civilizados”, que conhecem um rol imenso de doenças, quase todas provenientes de uma hereditariedade de doenças complexas, originárias do afastamento da Natureza.

Uns permutam energia constantemente com os minerais, os vegetais e os animais, permanecendo fortes e saudáveis, enquanto que outros fazem exatamente o contrário.

Isso sem contar o estilo de vida de uns, que convivem em harmonia, sem ambições, sem orgulho, egoísmo e vaidade, o que impregna geneticamente os genes das gerações seguintes, induzindo a uma hereditariedade saudável.

Na verdade, o mundo “civilizado” é de um primitivismo muito grande e o filósofo Montaigne afirmou isso no século XVI, enquanto que Rousseau disse isso no século XVIII.

Quem comparar os dois estilos de vida verá que o mundo “civilizado” sobrevive, a custo, através do orgulho, egoísmo e vaidade, sem Amor verdadeiro entre as nações e com uma Fraternidade resumida aos discursos e nada mais que isso.

Mas, voltando à Medicina Indígena, temos a dizer que, no mundo indígena, há poucas doenças, porque há poucos doentes: entendamos isso de uma vez por todas.

Sejamos integrados à Natureza e não mais adoeceremos: eis aí a solução.

Mas tenhamos uma mentalidade do Bem, pois, como disse Gandhi, no seu livro “O Guia da Saúde”, em outras

palavras, uma pessoa eticamente negativa não pode gozar de boa saúde, pois adoecerá gravemente cedo ou tarde.

4 - “SOMOS TODOS UM”

Desde as primeiras linhas deste estudo temos destacado a noção de que todas as criaturas são importantes, cada uma desempenhando um papel na evolução do Universo, mesmo aquelas que labutam no Mal, pois Deus aproveita as próprias maldades para a construção do Bem, neste último caso, na realização da Justiça Divina.

Todavia, quem age no Mal arca com as consequências das suas más intenções, pois *“a cada um será dado conforme suas obras”*.

A expressão *“somos todos um”* tem o significado de que cada um é importante no Universo, contribuindo segundo sua capacidade.

O ideal é cada ser humano conscientizar-se dessa realidade, sem significar que valorize o Mal, mas sim que respeite as opções de cada um e considere que *“não cai uma folha de uma árvore sem que Deus o consinta”*.

Isso não significa que não haja, na Terra e em todos os mundos, Espíritos Superiores encarregados da Justiça Divina, sendo que, no caso deste planeta, é o Guardião Miguel o encarregado da Justiça Divina, sendo subordinado apenas a Jesus, que é o Divino Governador planetário.

A contribuição de cada raça obedece a um planejamento superior, traçado, no caso da Terra, por Jesus, que que, por sua vez, segue parâmetros traçados por outros Espíritos que Lhe são superiores.

A raça vermelha, como dito, tem a missão de ressaltar a espiritualidade ligada à Natureza.

Há outras formas de espiritualidade, mas que ignoram a Natureza como relevante, como formando uma unidade com os seres humanos.

Essas correntes religiosas e filosóficas separam, digamos assim, o ser humano das criaturas sub humanas e, com isso, pecam contra a Lei Divina, que não distingue as criaturas em níveis evolutivos, porque, na verdade, a divisão que existe vale

apenas para planetas menos evoluídos, como é o caso da Terra.

Deus não criou departamentos estanques, distanciando umas criaturas das outras.

Afinal, quem consegue traçar uma linha divisória distinguindo um ser dos outros: somos o resultado da evolução, que acontece a cada milésimo de segundo, sendo que estamos sempre aprendendo mais alguma coisa e isso significa evolução.

Todos os seres aprendem, mesmo os minerais, que aparentam ser estáticos.

É preciso abriremos a mente para essa noção, sob pena de deixarmos de interagir com os sub humanos, perdendo muito com esse isolamento voluntário.

Interagindo, ensinamos e aprendemos, damos e recebemos energia, crescemos espiritualmente, em suma.

Os indígenas consideram os vegetais e animais como seus parentes, no que têm razão, pois *“somos todos um”*.

Os habitantes de mundos superiores têm essa noção muito clara e, por isso, tendo resolvido os problemas mais graves dos seus respectivos mundos, dedicam-se a auxiliar o progresso dos mundos que lhes são inferiores, não se restringindo aos seres da fase humana, mas abraçando todos os sub humanos.

A compreensão da unicidade é muito importante e, por isso, as pessoas devem se afeiçoar às plantas, aos minerais e aos animais, isso sem contar aquelas criaturas que vivenciam a fase fronteira entre os animais e os humanos, que André Luiz menciona no seu livro *“Libertação”* e Inácio Ferreira aborda em vários dos seus livros, sob o nome de elementais.

Os xamanistas consideram a figura do respectivo animal de poder, que é um Espírito desencarnado da fase animal. Realizam trabalhos espirituais de várias ordens acompanhados desses seres, que lhes são fieis, tanto quanto utilizam vegetais, repetindo o estilo das Casas da Vida do Egito antigo.

No meio espírita essa mentalidade não vigora, apesar de André Luiz ter ressaltado a importância de animais espirituais nas atividades socorristas: falta uma certa abertura dos espíritas em geral quanto a essa irmandade universal entre os seres de todos os graus de evolução espiritual.

A civilização indígena ensina esse tipo de irmandade, no que tem inteira razão e deve ser consultada nesse aspecto, dentre outros.

Não devemos medir a cultura de um povo pela existência da escrita nem pelo grau de Tecnologia alcançada, pois nem todos os povos têm a missão de ensinar essas duas ferramentas, mas contribuir com outros conhecimentos, que são até mais importantes, porque a vida será sempre boa com a adoção de uma espiritualidade voltada para a Natureza, enquanto que tem gerado muitas infelicidades com o materialismo que os brancos implantaram.

Sejamos lúcidos e vejamos o valor das informações da raça vermelha, assimilando-as para o nosso bem e das gerações futuras.

A destruição da Natureza tem sido enorme e seus resultados estão visíveis nas catástrofes que têm-se seguido em progressão geométrica.

Abramos os olhos e, se não é possível mudarmos o mundo, mudemos nossa própria vida!

5 – OS QUE SERÃO DEGREDADOS PARA QUIROM E OUTROS MUNDOS INFERIORES

Já dissemos, linhas atrás, que os Espíritos componentes da raça branca, espiritualmente falando, é que são os empedernidos materialistas e compõem o comando das Trevas.

Esses Espíritos estão sendo arrebanhados pelo Guardiã Miguel e seus emissários e serão encaminhados para mundos inferiores à Terra.

Tiveram a oportunidade de evoluir, mas preferiram abafar os conhecimentos das antigas civilizações, que eram espiritualistas, implantando o materialismo, que infelicita a humanidade da Terra desde cerca de dois milênios e meio, ou seja, desde o apogeu da Grécia antiga na Europa.

Felizmente, o Oriente manteve-se infenso às arremetidas do materialismo europeu e ali ainda há muitos focos de espiritualidade, principalmente na Índia.

Com a passagem da Terra a mundo de regeneração essas noções de espiritualidade propagar-se-ão pelo restante do planeta, pois os grandes adversários da Luz estarão arredados do planeta.

Esses Espíritos é que, através de mil modos, induzem as criaturas humanas aos desvios, inclusive utilizando argumentos pretensamente religiosos e filosóficos.

Os sofismas das Trevas têm enganado milhões de criaturas humanas, que acabam perdendo encarnações seguidas e têm de retornar ao proscênio terrestre repetindo provas e expiações, até se integrarem no Bem verdadeiro.

Como dito, esses comandantes do Mal, mesmo envergando pele vermelha, amarela ou negra, são Espíritos de raça branca.

Dissemos sempre que não se trata de um estigma, mas de uma opção de cada Espírito a escolha pelo Bem ou pelo Mal.

Esses Espíritos, no geral, são materialistas e não enxergam a Deus e, por isso, não respeitam a Lei Divina, que

está escrita no íntimo de cada um e que estabelece a regra do Amor Universal!

Chico Xavier foi um dos que mencionou Quírom como um dos destinos dos Espíritos rebeldes que serão degredados da Terra.

Trata-se de um planeta jovem, o qual alberga uma das humanidades primitivas do Cosmo, mas que, como todos os outros, evoluirá.

Esses Espíritos, querendo ou não, funcionarão como alavancadores da inteligência daqueles irmãos e irmãs em primário grau de desenvolvimento e, assim, cumprir-se-á, mais uma vez, a determinação divina do “*somos todos um*”.

6 – O FUTURO E GRADATIVO CONGRAÇAMENTO DAS QUATRO RAÇAS

Quando somente estiverem na Terra Espíritos de boa vontade não haverá preconceito contra os negros, amarelos e vermelhos serão bem tratados pelos brancos e assim reinará a igualdade.

Nessa realidade fraterna, cada raça será respeitada e seus conhecimentos serão ensinados e todos terão empenho em aprendê-los.

Divaldo Pereira Franco afirmou em 2008 que a partir de 2013 as dificuldades vividas pela humanidade da Terra iriam sendo amainadas até que, daí a uma ou duas gerações, a humanidade terráquea já estaria vivendo a realidade de um mundo de regeneração.

Realmente, verifica-se em livros como “*Os Guardiões*”, de Ângelo Inácio, que os chefes das falanges das Trevas estão sendo capturados pela equipe do Guardião Miguel, a fim de serem encaminhados para mundos inferiores à Terra.

Enquanto esses Espíritos não deixarem o ambiente deste planeta, juntamente com outros milhões de empedernidos no Mal, a Terra não conseguirá ingressar na Nova Era, pois influenciam negativamente e prejudicam muitos indecisos ou fracos de vontade.

Na Nova Era todas as culturas serão objeto de estudo e cada uma delas terá espaço no coração e na mente de todas as criaturas.

Como dissemos sempre, a raça vermelha veio contribuir para o crescimento da espiritualidade voltada para a Natureza.

Lembremo-nos de que Sócrates, na Grécia antiga, baseava seus ensinamentos na Natureza e no contato com o mundo espiritual.

Infelizmente, seus discípulos não tiveram coragem suficiente para seguir as lições do mestre e Platão, o mais destacado deles, transformou a simplicidade das verdades

socráticas em complicados quebra-cabeças, que engendraram espaço para o materialismo.

Poderíamos nos estender nas considerações sobre o futuro, que se desenha glorioso, sob o Comando de Jesus, mas tratemos de realizar no presente o respeito às culturas das quatro raças, pois todas se completam, tanto quanto as quatro cores básicas (branco, preto, vermelho e amarelo) formam todas as outras.

Não é por acaso que existem essas quatro cores, nem as quatro estações do ano, os quatro pontos cardeais e assim por diante.

O estudo da Ciência Cósmica é imprescindível para a evolução espiritual, sendo que essa Ciência nada mais é que a Lei Divina, que não está registrada em livro algum, mas sim na intimidade psíquica de cada ser.

7 – TERRA: MUNDO DE REGENERAÇÃO

Richard Simonetti fala sobre o assunto:

“1 – Como poderíamos definir a diferença entre Mundo de Provas e Expiacões, estágio atual da Terra, e Mundo de Regeneração, o próximo estágio?”

Mal comparando, diríamos que nos Mundos de Provas e Expiacões o egoísmo predominante, resquício da animalidade primitiva, é o elemento gerador de todos os males. No Mundo de Regeneração, consciências despertas para esse problema estarão empenhadas em superá-lo.

2 – Então no Mundo de Regeneração ainda prevalece o mal?

Prevalece a consciência de que é preciso vencê-lo com o empenho do Bem. Equivale a dizer que o mal nesses planetas não tem receptividade nos corações e tende a desaparecer.

3 – Fala-se que a promoção de nosso planeta para Mundo de Regeneração ocorrerá neste milênio, provavelmente nos próximos séculos. Não estamos diante de um otimismo ingênuo, considerando os graves problemas humanos, envolvendo crimes, guerras, vícios, violência urbana, terrorismo, a evidenciar que a maldade ainda impera?

Há muita gente envolvida com o mal, por ignorância. Estes serão renovados no desdobramento de suas experiências, particularmente com a mestra dor, em reencarnações regeneradoras. O problema está naqueles que constituem uma minoria barulhenta, com o mal entranhado em seus corações. Esses serão expurgados, quando chegar a hora.

4 – Tipo Bin Laden?

Sim, todos aqueles que se comprazem com a violência, o vício, o crime, sem a mínima sensibilidade em relação aos males que causam, aos sofrimentos que impõem aos seus irmãos.

5 – Para onde irão os Espíritos degredados?

Provavelmente para Mundos Primitivos, em posição inferior à Terra, conforme a escala apresentada por Kardec, em O Evangelho segundo o Espiritismo.

6 – Isso não contraria o princípio doutrinário de que o

Espírito pode estacionar, mas jamais retrograda? Um homem civilizado condenado a viver entre aborígenes não sofre nenhuma perda em relação à sua inteligência, cultura e conhecimentos, que, inclusive lhe serão úteis na nova situação, embora as limitações a que estará sujeito. O mesmo acontece com o Espírito degredado em planeta inferior.

7 – Não irá um Espírito intelectualmente evoluído, mas moralmente atrasado, causar embaraços aos habitantes desse mundo?

Não tanto quanto os benefícios que essa convivência ensinará. Os degredados estarão mais ou menos no mesmo estágio moral, mas superiores no estágio intelectual, favorecendo o progresso de seus hospedeiros, em cujo seio reencarnarão.

8 – E ficarão para sempre por lá?

Segundo Emmanuel, somos todos tutelados do Cristo, o governador espiritual de nosso planeta, compondo uma imensa família, de perto de vinte e cinco bilhões de Espíritos. Natural, portanto, que após superarem sua rebeldia e resgatarem seus débitos, ajustando-se às leis divinas, retornem os degredados ao convívio humano, o que poderá demandar milênios, mas forçosamente

acontecerá. Como ensina Jesus, das ovelhas confiadas por Deus aos seus cuidados, nenhuma se perderá.”

(<http://www.richardsimonetti.com.br/pingafogo/exibir/108>)

8 – O LIVRO “A VIDA SECRETA DA NATUREZA”, DE CARLOS CARDOSO AVELINE

“Em vários aspectos, o mais novo e o mais velho se unem hoje para renovar e ampliar radicalmente nosso modo de enxergar a realidade.

Nas últimas décadas do século 20, a vanguarda da física redescobriu a filosofia esotérica através de Fritjof Capra, David Bohm e outros. O químico da NASA Jim Lovelock descobriu que o planeta Terra pode ser considerado um ser vivo - como pensava o mundo grego - e criou a teoria de Gaia. Na biologia, Rupert Sheldrake resgatou velhos conceitos da filosofia do oriente, especialmente o akasha e a luz astral, através de modernos métodos experimentais. Estas mudanças na visão científica do mundo estabelecem as bases para uma relação inteiramente nova entre ser humano e ambiente natural, e nos fazem compreender, também, que podemos aprender grandes lições avaliando melhor a filosofia de vida dos primeiros habitantes da América.

Segundo a ecologia profunda, todos os seres têm - em princípio - igual direito à vida. Esta corrente de pensamento aberta e sem dogmas foi criada na Noruega no início da década de 70 pelo filósofo e músico Arne Naess. Nos últimos anos os livros e seminários dedicados ao tema têm ganhado espaço rapidamente, inclusive no Brasil.

Embora seja moderno na aparência e inspire uma nova geração de cientistas, este modo de enxergar a vida é antigo e tradicional. O maior e mais famoso manifesto de ecologia profunda que conheço foi escrito pelo chefe Seattle, dos índios norte-americanos Duwamish, em 1855, isto é, onze anos antes de o biólogo alemão Ernest

Haeckel propor pela primeira vez, em 1866, a criação de uma “nova disciplina” a ser chamada no futuro de “ecologia”. O chefe Seattle perguntou ao presidente norte-americano Franklin Pearce, que lhe havia proposto comprar as terras indígenas:

“É possível comprar ou vender o céu e o calor da terra? Tal ideia é estranha para nós. Se não possuímos o frescor do ar e o brilho da água, como você poderá comprá-los? Cada pedaço desta terra é sagrado para o meu povo. Cada ramo brilhante de um pinheiro, cada areia da praia, cada bruma nas densas florestas, cada clareira e cada inseto a zumbir são sagrados na memória do meu povo. A seiva que corre através das árvores carrega as memórias do homem vermelho.”

A ideia central da ecologia profunda é abandonar a ideia de que a natureza é apenas um amontoado de “recursos naturais”. Todo egoísmo tem uma vocação inevitável para o fracasso, e as políticas de preservação ambiental implantadas no século 20 fracassaram amplamente porque partiam de uma filosofia baseada na ideia de que o homem pode usar e abusar da natureza. Quando você parte de uma premissa falsa, seu raciocínio e sua prática estão destinados à derrota. Só quando deixamos de lado a impressão ilusória de que o homem é o centro do universo passa a ser possível, para nós, perceber que pertencemos à natureza, somos seus filhos e devemos respeitá-la. A premissa correta, centro da filosofia do futuro, afirma que a alma da vida universal está presente em todas as coisas, e o homem é parte dela. Cabe a ele, agora, ser consciente disso. Assim a preservação ambiental terá êxito. Nas palavras do chefe Seattle:

“Os rios são nossos irmãos, eles saciam nossa sede. Os rios transportam nossas canoas e alimentam nossas

crianças. Se lhes vendermos nossa terra, vocês devem lembrar e ensinar às suas crianças que os rios são nossos irmãos, e seus também, e vocês devem, daqui em diante, dar aos rios a bondade que dariam a qualquer irmão.”

Em uma análise comparativa, poucos deixariam de afirmar que nossa civilização tecnológica é mais avançada que a dos índios peles vermelha. Mas o que estamos fazendo com nossas crianças? Abandonando-as? Matando-as? Prostituído-as? O que são os assaltantes das grandes cidades além de crianças abandonadas que cresceram aprendendo violência?

Considerando o que estamos fazendo com nossos rios e florestas e também o grau de violência, corrupção e poluição que há em nossas cidades, em que coisas somos de fato melhores, e em que aspectos somos mais bárbaros, mais violentos e atrasados que os indígenas das Américas tradicionais?

“Não há um lugar calmo nas cidades do homem branco”, afirma a carta dos duwamish: “Nenhum lugar para escutar o desabrochar de folhas na primavera ou o bater das asas de um inseto. Mas talvez seja porque eu sou um selvagem e não compreenda. O ruído parece apenas insultar os ouvidos. E o que resta da vida, se o homem não pode escutar o choro solitário de um pássaro ou o coaxar dos sapos em volta de uma lagoa à noite? Eu sou um homem vermelho e não compreendo. O índio prefere o suave murmúrio do vento encrespando a face do lago, e o próprio aroma do vento, limpo por uma chuva do meio-dia, ou perfumado pelos pinheiros.”

Recuperar a capacidade de conviver com o mundo natural é avançar em direção àquele futuro em que as cidades trarão para si o melhor do campo, e o campo terá

em si o melhor das cidades. Então desaparecerão as doenças físicas e emocionais causadas pela tensão nervosa das grandes cidades. Desaparecerão fenômenos como a síndrome do pânico, a insegurança das ruas modernas ou a violência contra os agricultores sem terra. E ainda respiraremos melhor, como os indígenas faziam. Também neste aspecto, temos a aprender com eles:

“O ar é precioso para o homem vermelho, pois todas as coisas compartilham o mesmo sopro. O animal, a árvore, o homem, todos compartilham o mesmo sopro. O homem branco parece não sentir o ar que respira. Como um animal que agoniza há vários dias, ele é incapaz de sentir o mau cheiro. (...) Ensinem às suas crianças o que ensinamos às nossas crianças. Tudo o que ocorrer com a terra, ocorrerá com os filhos da terra. Se os homens desprezam o solo, estão desprezando a si mesmos. A terra não pertence ao homem. O homem pertence à terra. (1)

Um testemunho menos conhecido, mas não menos belo, foi deixado a nós pelo chefe Urso-em-pé, dos Lakota. Ele disse, lembrando de tempos anteriores:

“Os velhos Lakota amavam o solo e sentavam-se ou reclinavam-se no chão com o sentimento de estarem próximos de um poder maternal. Era bom para a pele tocar a terra, e os velhos gostavam de se descalçar e andar com os pés nus sobre a terra sagrada. As tendas eram erguidas sobre a terra, e os altares feitos de terra. O solo era tranquilizante, revigorador, purificador e medicinal. Por isso é que os velhos índios ainda se sentam diretamente na terra, fonte de suas forças vitais. Para eles, sentar-se ou deitar-se no chão permite pensar com mais profundidade e sentir com mais clareza; podem penetrar nos mistérios da vida e descobrir seu parentesco com outras formas de vida ao redor. (...) Os velhos Lakota

eram sábios. Sabiam que o coração do homem distante da natureza se torna duro; sabiam que a falta de respeito pelas coisas vivas leva imediatamente à falta de respeito pelos humanos”. (2)

Urso-em-pé mencionou aqui uma causa central da violência e degeneração da vida emocional das grandes cidades. Dominadas hoje por meios eletrônicos de “comunicação” cuja influência parece crescer lado a lado com a falta de comunicação real entre seres humanos, as cidades degeneram pelo seu distanciamento da natureza e dos seus ritmos vitais básicos. Como um animal em cativeiro que perde a alegria de viver, o ser humano distante da natureza é preso por suas preocupações pessoais, e dificilmente encontra paz, dentro ou fora de si. O resultado é a violência: primeiro em pensamento e sentimento, e depois na realidade externa.

Por outro lado, temos alguns erros em comum com as sociedades indígenas e um deles é a superstição. A maior parte da população brasileira atual, herdeira da cultura europeia, ainda é guiada por fortes crenças ilusórias. Algumas das nossas superstições são materialistas (como pensar que o dinheiro traz felicidade), e outras são religiosas (como a de pensar que, para ser religioso, basta adorar e pedir favores a um Deus em forma humana). Até mesmo nossos modernos pajés, os cientistas e intelectuais, participam em grande parte das superstições coletivas da nossa civilização.

Os indígenas também tinham uma visão relativamente estreita do mundo. Vemos com facilidade os erros do pensamento indígena tradicional, porque é sempre fácil enxergar os defeitos alheios e nossas limitações são outras. Mas apesar das cegueiras culturais, dos tabus e

nacionalismos tribais, havia em todas as sociedades indígenas – como há hoje na nossa – uma tradição de sabedoria transcendental. Ela permanecia à disposição dos que estavam prontos e eram capazes de erguer os olhos para ela. Quando o aprendiz está pronto, a sabedoria aparece – em qualquer tempo e lugar.

Certo dia o indigenista brasileiro Orlando Villas Bôas ficou surpreso ao conversar com um pajé do rio Xingu, o mais versado, ali, nos conhecimentos que vão além do saber comum. Ele conta o fato em seu livro “A Arte dos Pajés” (3). Um pajé de meia-idade, Arru, chegou do mato cansado de caminhar e sentou-se ao lado de Orlando.

*“Lá é o céu”, diz Arru, apontando para o alto.
 “Sei”, responde Orlando.
 “Lá é a aldeia dos que morrem”.
 “Sei”, diz Orlando, conhecedor da cultura indígena.
 Depois de um momento em silêncio, olhando bem para o alto, Arru acrescenta:
 “Lá no céu do céu... ela está lá”.
 Orlando pensa que quem está lá no céu do céu deve ser um deus antropomórfico.
 “Quem está lá? Um índio velho que sabe tudo?”
 A resposta de Arru é enfática:
 “Não, apenas uma sabedoria”.*

O pajé do Xingu surpreendeu Orlando mostrando que acreditava na existência de uma lei ou sabedoria universal, e que estava livre da superstição de um deus em forma humana, de quem se pode obter favores pessoais fazendo-lhe homenagens como a um rei todo-poderoso.

O diálogo entre Villas Bôas e Arru tem outros aspectos interessantes. A “aldeia dos que morrem”, que existe no

céu dos índios xinguanos, é um conceito equivalente, de certo modo, ao kama loka da filosofia esotérica. Para o kama loka vão os níveis intermediários da consciência de um ser humano fisicamente morto. Ali, os níveis médios de consciência passam por uma purificação que dará lugar ao devachan ou bem-aventurança, um longo período de descanso antes de um novo renascimento. O devachan pode ter uma relação com a “terra sem males” dos tupis brasileiros, local mítico e não-espacial. Ali ninguém morre ou adocece, a lavoura se trabalha sozinha e a colheita ocorre sem que seja necessário fazer esforço.

Do ponto de vista esotérico, não se conhece muitas referências complexas ou exatas ao processo pós-morte na tradição indígena das Américas. Porém, na sua simplicidade, todos os povos indígenas reconhecem a existência de um mundo sutil ou astral em que são registrados os nossos atos e no qual vivem seres invisíveis, ao lado das forças arquetípicas da natureza e dos seres que se foram do mundo físico.

“Há na cultura indígena uma total dependência da criatura com o mundo sobrenatural”, escreveu Villas Bôas. Se trocarmos a palavra “sobrenatural” por “astral” a frase fica perfeita do ponto de vista esotérico e se aplica não só aos indígenas, mas a todos os povos e seres do mundo em todos os tempos. O mundo físico inteiro é reflexo do mundo astral e, por isso, depende dele. Todas as relações de causa e efeito operam no mundo astral, que é perfeitamente natural, porém invisível ao olhar físico, e que, em seus níveis superiores, leva à vida especificamente imortal e espiritual em que se localiza o devachan e se alcança o nirvana.

As culturas indígenas populares tinham acesso a uma versão simplificada da sabedoria espiritual dos

descendentes de Atlântida. Depois da destruição daquele continente, o conhecimento iniciático e esotérico foi inteiramente reorganizado. Então, da Índia e Egito antigos surgiu uma nova série de civilizações que dura até hoje. Esotericamente, considera-se que os indígenas americanos são descendentes da tradição espiritual Atlântida, que corresponde à quarta raça-raiz, segundo Helena Blavatsky. A nossa quinta raça-raiz, mais racional, perdeu a antiga intuição humana. Mas já começa a recuperá-la em um nível superior, combinando o método científico experimental com a antiga capacidade de comunhão com a natureza e o respeito por todos os seres, habilidades que as sabedorias indígenas, sobreviventes da tradição atlântida, ainda mantêm intactas.

As tradições do extremo oriente são outras tantas ramificações da quarta raça-raiz e têm ensinado lições de grande valor ao nosso confuso ocidente através da medicina tradicional, da meditação zen, das artes marciais de fundo espiritual, do taoísmo, e do feng-shui, para citar alguns poucos exemplos. Helena Blavatsky afirma em seu livro clássico “A Doutrina Secreta” que desde o século 19 surgem, aqui e ali, os primeiros cidadãos da sexta raça-raiz(4). Eles não podem ser identificados por qualquer característica física, mas sim por uma percepção intuitiva dos princípios da sabedoria e da fraternidade universal que guiarão a humanidade, de modo consciente, no futuro. Para a ciência esotérica, a fraternidade universal da humanidade é uma lei, e a diversidade racial é indispensável à evolução.

Neste momento, é essencial que saibamos repensar nosso processo civilizatório. Que possamos parar a destruição dos ambientes naturais que permanecem vivos; que respeitemos os povos que preservam o conhecimento de

como viver em intimidade com a natureza. É essencial que possamos proteger nossas crianças, símbolos do nosso futuro, e que possamos aprender aquela sabedoria universal que permeia a história de todos os povos, independentemente das características físicas, hábitos culturais ou níveis de desenvolvimento tecnológico dos seus cidadãos.

Devemos ter a humildade necessária para reconhecer que os povos mais desenvolvidos tecnologicamente nem sempre foram os mais sábios, e que hoje somos um notável exemplo disso. Devemos ser capazes de lembrar que, como escreveu o chefe Seattle, “os cumes rochosos, os sulcos úmidos do campo, o calor do corpo do potro e o homem, todos pertencem à mesma família”.

NOTAS

(1) “Preservação do Meio Ambiente – Manifesto do chefe Seattle ao Presidente dos EUA”, Editora Interação/Fundação SOS Mata Atlântica, SP, 1989.

(2) “Pés Nus Sobre a Terra Sagrada”, Compilador: T.C. McLuhan, Ed. L&PM, Porto Alegre, 1994, ver pp. 13-14.

(3) “A Arte dos Pajés”, de Orlando Villas Bôas, Editora Globo, 2000, ver pp. 89-90.

(4) “A Doutrina Secreta”, de H. P. Blavatsky, Ed. Pensamento, SP, edição em 6 volumes, ver volume 3, p. 462.”

FIM